

PORTUGUÊS PARA A INTEGRAÇÃO²⁹

Desideri Marx Travessini (UNILA)

desideri.travessini@aluno.unila.edu.br

Francisca Paula Soares Maia (UNILA)

fpaolasmai@gmail.com

Diego Kiill (UNILA)

diego.kiill@aluno.unila.edu.br

Viviani Busko Souza (UNILA)

viviani.souza@aluno.unila.edu.br

RESUMO

O curso de extensão “Português Para Estrangeiros em Foz do Iguaçu: Integração pela diversidade” surgiu a partir da necessidade do ensino de português para estrangeiros que trabalham nesse município trifronteiriço e necessitam usar o português diariamente, tanto no trabalho quanto em outras atividades. Seguindo uma abordagem variacionista (LABOV, 1972, *apud* BAGNO 2008) e integracionista (PESSOA, 2007), cada aula do curso possui um tema e a língua é ensinada em seu uso real, considerando as variações e a diversidade cultural. Sendo um dos fundamentos do curso a percepção de variação e interferência entre as línguas, o conceito de erro não faz parte desse trabalho, esse é visto como interferências ou desvios (MAIA, 2009). Esse trabalho visa a realizar uma análise contrastiva entre o ensino individual do português e o ensino coletivo, bem como refletir sobre o processo de criação das aulas, a escolha dos temas e a elaboração dos materiais, partindo do conceito de que as maneiras de se ensinar uma língua estão em constante mudança.

Palavras-chave:

Português língua estrangeira. Integração. Ensino-aprendizagem. Cultura.

1. Introdução

O projeto “Português para Estrangeiros em Foz do Iguaçu: Integração pela Diversidade” tem por finalidade não apenas o ensino da língua portuguesa para os estrangeiros da cidade de Foz do Iguaçu, como também a aproximação intercultural entre países e línguas diferentes, no caso, do espanhol com o português, do Brasil com o Paraguai e Argentina. Para cumprir essa finalidade, as aulas do projeto tendem a sair do ensino tradicional da gramática, levando textos e referenciais artísticos-

29 Trabalho produzido para o projeto “Português para Estrangeiros em Foz do Iguaçu: Integração pela Diversidade”, coordenado pela Profa. Dra. Francisca Paula Soares Maia (e-mail: paula.maia@unila.edu.br).

culturais para a sala de aula, buscando o ensino do português além da norma padrão e do aprendizado regular.

O processo ensino-aprendizagem voltado para a interculturalidade busca atender à demanda que os alunos estrangeiros oferecem, levando assim a equipe executora da ação a usar diversos métodos para a melhor compreensão do conteúdo linguístico-cultural desenvolvido em sala. (TROUCHE, 2002)

O projeto é desenvolvido na UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, promovido pela PROEX – Pró-Reitoria de Extensão. As aulas são realizadas terças e quintas, em salas no PTI – Parque Tecnológico Itaipu, onde a turma de alunos do Paraguai participa das aulas. Totalizando aproximadamente 11 alunos atendidos no segundo semestre de 2015.

O material trabalhado com os alunos é preparado a partir da supervisão da coordenadora da ação, havendo a realização de oficinas de formação e reuniões semanais com os membros. A fala é a premissa fundamental utilizada neste projeto, visto que ela permitirá ao participante ampliar sua rede de contatos e poder se comunicar com falantes do português.

2. Comparação entre projetos

Ensinar português como língua estrangeira para uma pessoa e ensinar para um grupo são processos diferentes. Ao preparar a aula para um grupo, consideramos as dúvidas da maioria, ao mesmo tempo em que tentamos auxiliar cada um individualmente.

Quando se trata do ensino de língua estrangeira, os desafios são grandes. Temos que despertar no estudante o interesse pela língua, a vontade de acompanhar as aulas e a necessidade de estudar sozinho.

Dar aulas para somente uma pessoa exige um tipo diferente de planejamento, pois se considera apenas as dificuldades e questionamento dessa pessoa e todo o desenvolvimento e planos está centrado nesse indivíduo. Essa é a proposta de outro projeto desenvolvido na UNILA. Em um grupo de alunos, sempre existe um que já conhece tal característica da língua, um que está familiarizado com a pronúncia, outro com a escrita e assim por diante. Mas isso não significa em não trabalhar esses pontos, já que se trata do coletivo. Podemos fazer esse exercício de uma ma-

neira leve, usando recursos como músicas, pedaços de filmes, vídeos e qualquer outro recurso que não permita que a aula se torne maçante.

A correção, se é que pode ser chamada assim, é feita da mesma maneira nos dois projetos. Não consideramos adequado dizer que existem erros quando se trata do aprendizado de outra língua, e sim interferências. É uma abordagem errada dizer que o aluno que escreveu “peor” no lugar de “pior” está errado, pois não é um erro e a correção inadequada pode diminuir a vontade de aprender e pode contribuir para o crescimento da vergonha de participar das aulas. Com isso procuramos:

mostrar que os então considerados “erros” de aquisição em PLE (ou em língua estrangeira, tanto falada quanto escrita) nada mais são que “desvios” da forma alvo, da forma esperada, institucionalizada, ou convencional, devido às hipóteses que os aprendizes testam a partir de seus conhecimentos em L1. Desse modo, espero que sejam de claro reconhecimento as hipóteses feitas pelos alunos ao produzirem estes “desvios” e as negociações feitas na interação docente-discente na construção da aquisição da língua-alvo. (MAIA, 2009, p. 2)

Para diminuir o constrangimento do “erro” na hora da aprendizagem os professores sempre voltam os temas vistos, palavras, pronúncias que geram dúvidas, exemplo disso é a volta da pronúncia das palavras *avô* e *avó*, a vogal *o* fechada e aberta é uma dificuldade encontrada pelos estrangeiros, principalmente os hispano-hablantes, na hora da pronúncia e aprendizagem. Por isso o uso de exercícios de gesticulação e fônicos na sala de aula, reforçando e forçando a pronúncia. O uso de vídeos e a leitura dos textos auxiliam em muito nessa hora.

3. O ensino diversificado da língua

Seguindo a ideia de que linguagem, cultura, sociedade e experiência interagem de maneira intensa e variada (MARCUSCHI, 2000, s/p) e com o propósito de sair do ensino padrão da língua portuguesa, buscando meios e metodologias diferentes, trabalhamos em sala de aula com músicas, vídeos, textos literários, artigos de jornais e revistas.

O ensino de línguas deveria antes visar o gosto pela cultura e literatura do povo estudado (LEFFA, 1988), por isso, a utilização de materiais artísticos foram usados com a intenção de aproximar o aluno da língua e da cultura com o uso de músicas compostas e interpretadas por Zeca Baleiro, Chico Buarque, poemas e crônicas de Vinícius de Moraes e Nelson Rodrigues.

Utilizando-se desses materiais, além de audiovisuais como vídeo do “Garçon Vegetariano” do grupo do Youtube, Porta dos Fundos, mostrado para começar uma discussão sobre hábitos alimentares, o ensino do português vai sendo constituído e os estudantes ganham no aprendizado da língua estrangeira como também no repertório cultural.

A comparação entre Brasil e Paraguai nos aspectos como transporte público, preços de imóveis e outras áreas do cotidiano também se mostrou eficiente para despertar a fala e aproximação entre esses dois países. A produção de textos também era esperada dos alunos, mas antes de realizar essa produção, havia uma exposição de opiniões, vídeos e pequenos trechos sobre o tema a ser desenvolvido.

A exposição dos diversos sotaques brasileiros, diferenças no vocabulário também foram expostas através de vídeos de artistas de diferentes regiões do Brasil notícias, parte importante no processo de integração e conhecimento das variações na fala e na escrita. O conceito de que só existe uma língua portuguesa digna de nome é um preconceito linguístico presente no ensino de língua materna (BAGNO, 1999) que deve ser combatido tanto nesse ensino como no ensino de língua portuguesa materna.

Desconstruir a ideia de que existe apenas um português a ser aprendido e ensinado é um dos objetivos principais desse projeto, por isso é recorrente a ênfase de que existe o português formal e informal, e esses variam conforme região e estado, ou seja, a localização, idade, classe social, e escolaridade influenciam de que maneira o português é falado e escrito. Com essa prática os estudantes aprendem que não existe uma única forma, e aumentam o repertório linguístico e cultural, facilitando o entendimento e o conhecimento da cultura estrangeira e do outro, diminuindo fronteiras geográficas, sociais e até ideológicas. Essa aprendizagem, vale salientar, é via de mão dupla, ou seja, os professores também aprendem muito, não só a própria língua, que muitas vezes está tão nata que não a refletimos, como também a língua estrangeira, suas variantes e semelhanças.

4. Conclusão

O aprendizado de uma língua ocorre de maneiras diferentes para cada pessoa, por isso é interessante não se prender a somente uma abordagem, e sim ir testando em cada aula para perceber qual obtém mais

respostas dos alunos. A música, por exemplo, pode funcionar com um público, mas não ser tão eficiente em outro, por isso ter diversas opções é interessante e necessário para que uma aula possa ser bem aproveitada.

Conhecer uma língua nova e entendê-la é um processo que leva tempo e requer paciência e comprometimento. O professor deve alimentar esse comprometimento apresentando a utilidade da língua e suas particularidades. A comparação é essencial para demonstrar as semelhanças entre a língua do aluno e a língua estudada, o que quebra a ideia de dificuldade e distância dessa língua estrangeira.

A atual turma, ao demandar conteúdos que serão úteis para uso em suas atividades diárias e no contato com companheiros de trabalho falantes da língua, facilita o aprendizado, pois o foco da aula surge a partir do seu interesse. Os resultados como a produção de textos durante a aula e a pronúncia do português, tendem a comprovar a eficácia das metodologias adotadas pela equipe executora da ação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.

LEFFA, Vilson J. Metodologia do ensino de línguas. In: BOHN, H. I.; VANDRESEN, P. *Tópicos em linguística aplicada: o ensino de línguas estrangeiras*. Florianópolis: UFSC, 1988, p. 211-236.

LABOV, William. *Sociolinguistic Patterns*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

_____. *Padrões sociolinguísticos*. Trad.: Marcos Bagno, Marta Scherre e Caroline Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.

MAIA, Francisca Paula Soares. Sociolinguística: conhecimentos para a compreensão da pluralidade cultural do português do Brasil. In: HORA, Demerval da. (Org.). *Anais do Abralín em cena Piauí*. João Pessoa: Ideia, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. O papel da linguística no ensino de línguas. Pernambuco: Universidade Federal de Pernambuco, 2000.

TROUCHE, Lygia Maria Gonçalves. Ensino de português língua estrangeira: interface com aspectos culturais. In: JUDICE, Norimar Pasini Mesquita (Org.). *Português para estrangeiros: perspectiva de quem ensina*. Niterói: Intertexto, 2002, p. 81-92.